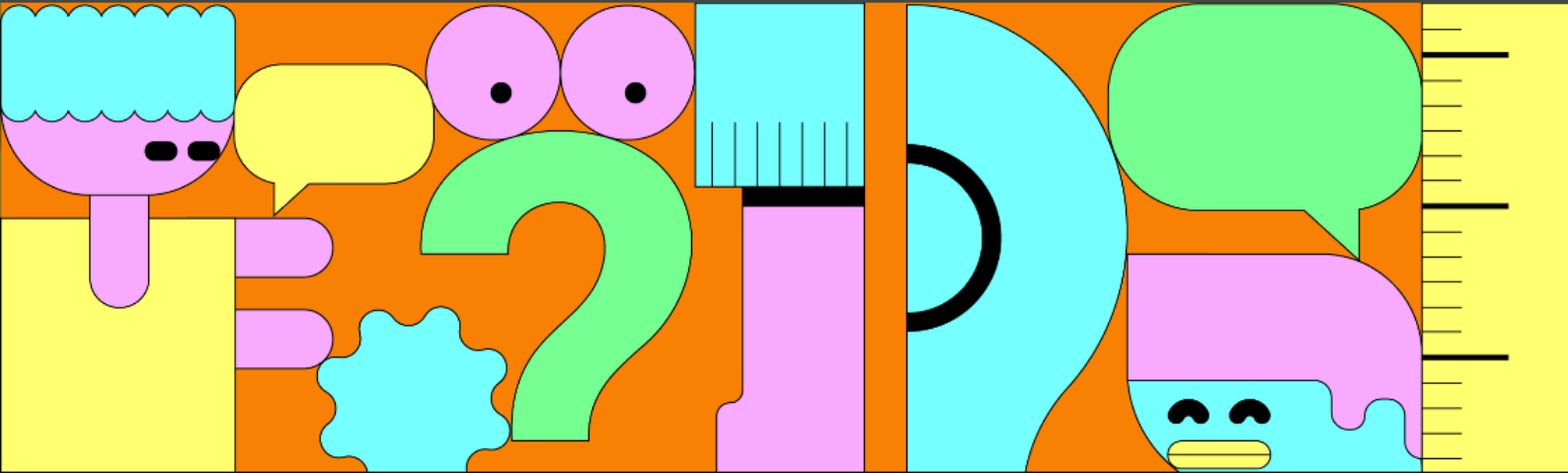




EDUCAÇÃO SEXUAL DESDE A INFÂNCIA

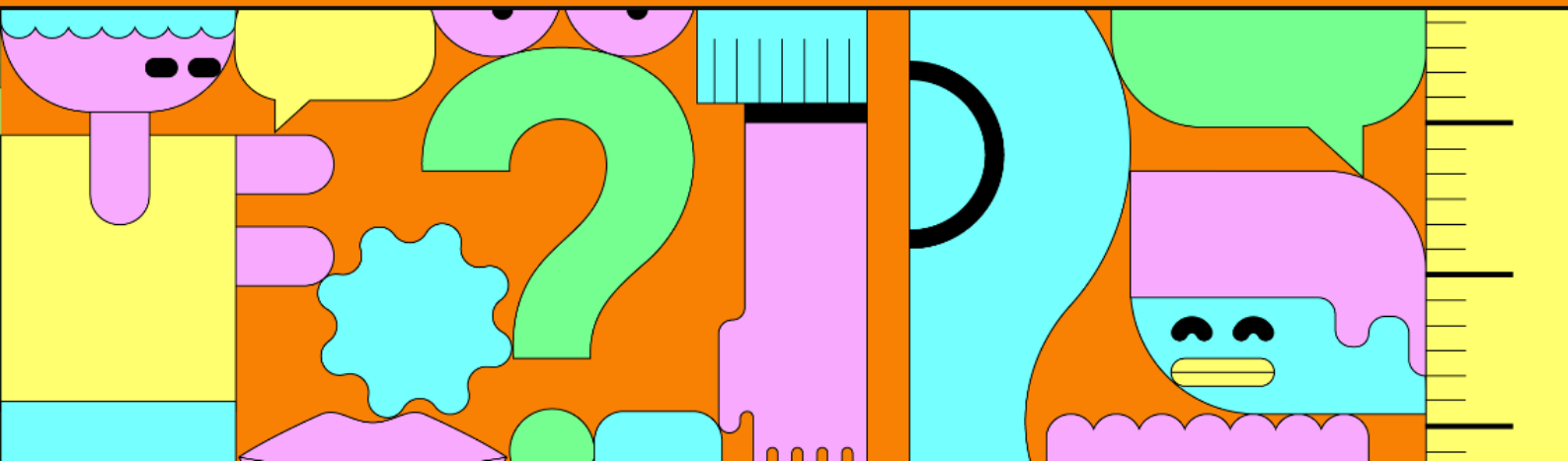
Fundamentos e práticas pedagógicas para a escola

Autores

Rone Rosa Martins

Evandson Paiva Ferreira

Ciar UFG





Esta obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Universidade Federal de Goiás • UFG

Reitoria

Sandramara Matias Chaves

Vice-Reitoria

Camila Cardoso Caixeta

Pró-reitoria de Pós-Graduação

Laura Vilela Rodrigues Rezende

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica • PPGEEB

Coordenação

Glauco Roberto Gonçalves

Vice-Coordenação

Ilma Socorro Gonçalves Vieira

Educação Sexual desde a infância: Fundamentos e práticas pedagógicas para a escola

Autores

Rone Rosa Martins

Evandson Paiva Ferreira

Centro Integrado de Aprendizagem em Rede • CIAR

Diretoria

Janice Lopes

Vice-diretoria, Coordenação Administrativa e Financeira

Silvia Figueiredo

Coordenação de Comunicação

Raniê Solarevsky de Jesus

Coordenação Pedagógica e Gestão Moodle

Moema Gomes Moraes

Coordenação de Tecnologia da Informação

Amilton Araújo

Coordenação de Gestão de Projetos e Publicação

Ana Bandeira

Coordenação de Inovação e Interface

Victor Hugo César Godoi

Direção de Arte

Renato Galhardo Neto

Identidade Visual / Projeto editorial / Diagramação

Leandro Pimentel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) GPT/BC/UFG

R772e Martins, Rone Rosa.

Educação sexual desde a infância: fundamentos e práticas pedagógicas para a escola [e-book] / Rone Rosa Martins, Evandson Paiva Ferreira. Goiânia: CIAR/UFG, 2026.

ISBN: 978-65-85278-88-1

1. Educação sexual de crianças - Brasil. 2. Professores - Formação.
3. Prática de ensino. I. Ferreira, Evandson Paiva. II. Título.

CDU: 37.016:613.88

Produto realizado com apoio do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação (PPGEEB) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio do Edital n. 05/2025 de "Apoio a Produtos e Materiais Educacionais vinculados a trabalhos de dissertação de discentes do PPGEEB.

Este e-book foi desenvolvido pela Equipe de Publicação do CIAR / UFG. Todo o conteúdo deste material é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. Os produtos dispostos aqui podem ser usados e compartilhados por terceiros, inclusive em sala de aula e pesquisas acadêmicas, desde que acompanhados dos créditos de seus autores. A distribuição é gratuita e o uso comercial estritamente proibido.

SUMÁRIO

Apresentação	01
1. Conceitos básicos: sexo, sexualidade e educação sexual	03
2. Educação sexual nos documentos oficiais da educação brasileira	06
3. Sequências didáticas por ciclos etários	12
Considerações Finais	37
Referências	38

Apresentação

Este e-book nasceu de uma caminhada marcada por escutas, vivências e muitas inquietações. Ele é fruto do meu percurso no mestrado em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal de Goiás (UFG), quando tive a oportunidade de pesquisar como os professores de uma escola pública viam e lidavam com a educação sexual em seu cotidiano. O que descobri ali – entre silêncios, medos, dúvidas e também muita vontade de fazer diferente – me mostrou o quanto ainda precisamos falar, aprender e construir juntos nesse campo.

A partir da pesquisa desenvolvida e das conversas com professores, nasceu um produto educacional que se transformou em um Ciclo de Palestras Virtual sobre Educação Sexual na Escola, voltado à formação continuada de educadores. Com ele, aproximei teoria e prática e, acima de tudo, confirmei que os professores querem trabalhar o tema, mas muitas vezes não sabem por onde começar.

Foi daí que surgiu a ideia deste e-book: reunir, em um só material, informações fundamentais e práticas pedagógicas possíveis, para apoiar quem já atua nas salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental e também quem está se preparando para isso, como os estudantes de Pedagogia.

Aqui você vai encontrar:

- Uma explicação simples sobre o que é sexo, sexualidade e educação sexual;
- O que os documentos oficiais dizem (sim, eles dão respaldo ao nosso trabalho!);
- E, mais importante, sequências didáticas pensadas para a prática, organizadas por faixas etárias – do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Este não é um manual com receitas prontas. É um convite à reflexão, à adaptação e à escuta sensível das crianças com quem você trabalha. Cada atividade pode (e deve!) ser moldada de acordo com a realidade da sua turma e da sua comunidade escolar. Mais do que aplicar, a ideia é dialogar com os saberes, com as dúvidas e com os desejos de fazer diferente.

Falar de educação sexual com crianças pode parecer difícil no início, mas é possível – e necessário. Quando tratamos do corpo, do cuidado, do respeito e das diferenças de forma responsável e afetiva, estamos ajudando a formar pessoas mais conscientes, seguras e respeitosas.

Desejo que este material te inspire, te provoque e, principalmente, te encoraje.

Boa leitura e boa caminhada!

Rone Rosa Martins
Evandson Paiva Ferreira

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

1. Conceitos Fundamentais: Sexo, Sexualidade e Educação Sexual

Antes de pensarmos em atividades, sequências didáticas e planejamento, é importante dar um passo atrás e conversar sobre três palavrinhas que costumam gerar confusão (e, às vezes, até medo) no ambiente escolar: **sexo, sexualidade e educação sexual**.

Esses termos aparecem, muitas vezes, misturados ou mal compreendidos. E isso acaba atrapalhando o trabalho dos professores – porque, se não entendemos bem o que significam, como vamos nos sentir seguros para falar com as crianças sobre eles?

Sexo não é só o que você está pensando

A palavra "sexo" costuma ser associada diretamente ao ato sexual. Mas, quando falamos de educação com crianças, é importante lembrar que o sexo também está ligado às **características biológicas** do nosso corpo – como genitais, hormônios e cromossomos.

Sim, é uma parte do corpo. E, como qualquer parte do corpo, pode (e deve) ser nomeada com naturalidade, com respeito e sem constrangimentos. Quando ensinamos as crianças a nomear o próprio corpo com as palavras corretas – como pênis, vulva, mamas – estamos **protegendo-as**. Criança que sabe o nome das partes do corpo tem mais chance de contar se algo não está certo.

Sexualidade é parte de quem a gente é

Sexualidade vai muito além do sexo. É algo que acompanha a gente desde que nascemos – e não começa só na adolescência, como muita gente pensa. Ela envolve o jeito como nos relacionamos com os outros, como sentimos o nosso corpo, como percebemos o afeto, o toque, o carinho, o respeito, e a intimidade.

A sexualidade está presente nas brincadeiras, nas perguntas das crianças, nas interações do dia a dia. Por isso, trabalhar esse tema desde cedo é **educar para o respeito e para o cuidado com o outro e consigo mesmo**.

Educação Sexual é parte da educação

Educação Sexual não é "ensinar a fazer sexo". É ensinar **a viver melhor com o próprio corpo e com os outros**. É criar espaço para conversas que ajudem as crianças a:

- conhecer seu corpo e seus limites;
- respeitar o corpo e os sentimentos dos colegas;
- entender que existem diferentes jeitos de ser, de viver e de se relacionar.

É também ensinar a se proteger — reconhecer situações perigosas, saber que ninguém pode tocar no seu corpo sem consentimento, saber que tem adultos confiáveis com quem podem conversar.

p. 5

Como mostram autores como **Guacira Lopes Louro, Foucault, Mary Neide Figueiró e Jimena Furlani**, a sexualidade é atravessada por cultura, história, poder e educação. E a escola pode (e deve!) ser um espaço de cuidado, reflexão e proteção.

Falar de sexualidade na escola **não é doutrinação**. É prevenção. É saúde. É cidadania.

E o que tudo isso tem a ver com a sala de aula?

Tudo! Porque as crianças fazem perguntas, tocam umas nas outras, exploram o corpo, expressam sentimentos, percebem diferenças. E, quando a escola se cala ou responde com repressão, medo ou silêncio, está **reproduzindo o tabu** — e não acolhendo uma necessidade real da infância.

Este e-book é um convite para que você, professor(a), se sinta mais seguro(a) para lidar com esses momentos. E, mais do que isso, **para transformar o seu espaço de sala de aula em um ambiente onde as crianças aprendam que respeito, cuidado e afeto fazem parte da educação**.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

2. Educação Sexual nos documentos oficiais: Sim, você tem respaldo para trabalhar o tema

Muita gente que atua na escola tem vontade de trabalhar temas ligados ao corpo, ao respeito e à convivência, mas acaba se sentindo insegura. É comum ouvir perguntas como:

“Será que posso falar sobre isso com meus alunos?”

“E se os pais não gostarem?”

“Existe base legal para isso?”

A resposta é: **sim, você pode — e deve**. A educação sexual está **prevista e legitimada nos documentos oficiais que regem a educação brasileira**, como a LDB, os PCN, o RCNEI, as Diretrizes Curriculares Nacionais e a BNCC.

Neste capítulo, vamos mostrar como esses documentos servem de apoio ao seu trabalho e por que falar de sexualidade na escola não é apenas permitido — é necessário.

1. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996)

A LDB é a base legal de todo o sistema educacional brasileiro. Ela não usa o termo “educação sexual”, mas defende a **formação plena do ser humano** e a valorização do respeito, da liberdade e da tolerância.

Veja alguns pontos importantes:

Art. 3º, II e IV: garantem a liberdade de ensinar e aprender, além do respeito à diversidade e à tolerância.

Art. 35, II: o ensino deve assegurar a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Art. 26: permite que os currículos incluam temas que sejam relevantes para a formação dos estudantes, mesmo que não apareçam como disciplinas.

Isso mostra que trabalhar o corpo, o cuidado, os sentimentos, a diversidade e a convivência **faz parte da proposta de uma educação integral e cidadã.**

2. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNEB)

As DCNEB orientam os currículos escolares de todas as etapas da Educação Básica. Elas reforçam que a escola deve:

- Promover o respeito aos direitos humanos;
- Trabalhar valores como empatia, solidariedade e cuidado;
- Valorizar a diversidade de identidades, culturas e modos de vida.

Essas diretrizes também recomendam a abordagem de **temas contemporâneos relevantes**, como igualdade de gênero, convivência ética, prevenção de violências e promoção da saúde – assuntos diretamente ligados à educação sexual.

p. 8

Ao trabalhar com esses temas, você estará **cumprindo o papel social e pedagógico da escola.**

3. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

Os PCN, criados nos anos 1990, foram pioneiros ao indicar a importância de temas que atravessam o currículo, os chamados **Temas Transversais**. Um deles é chamado de **“Orientação Sexual”**.

Mas é importante entender:

O termo **“orientação sexual”**, nos PCN, não se refere à orientação afetivo-sexual das pessoas (como homossexualidade, bissexualidade ou heterossexualidade).

Na verdade, **o que os PCN chamavam de “orientação sexual” é o que hoje chamamos de “educação sexual”**. O uso do termo era uma escolha da época, pois o conceito de **“educação sexual”** ainda não era amplamente utilizado ou compreendido no meio educacional.

O objetivo do tema nos PCN é muito claro:

“A escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações que favoreçam uma vivência da sexualidade de forma saudável, prazerosa e responsável.”

Os PCN propõem que o tema seja tratado desde os anos iniciais, com atividades ligadas ao respeito ao corpo, à convivência, à afetividade, à diversidade e à prevenção de violências.

p. 9

Isso significa que você, professor(a), tem **respaldo institucional para desenvolver ações educativas sobre o corpo, os sentimentos, os limites e as relações**. Os PCN foram corajosos ao colocar esse tema no centro da formação ética e cidadã, abrindo espaço para que as escolas não fujam dessa responsabilidade.

4. RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

Voltado às crianças de 0 a 5 anos, o RCNEI reforça que o trabalho com a infância deve incluir:

- O conhecimento e o cuidado com o próprio corpo;
- A construção de relações baseadas no respeito e na empatia;
- A escuta sensível e o acolhimento das emoções e curiosidades infantis.

Mesmo que o documento não use a expressão “educação sexual”, ele traz fundamentos que sustentam esse trabalho. Fala sobre a **formação da identidade, a expressão do afeto, a convivência e as noções de autocuidado**, tudo isso relacionado à sexualidade na infância.

5. BNCC – Base Nacional Comum Curricular

A BNCC define os direitos de aprendizagem de todos os estudantes brasileiros. Embora o documento não traga os termos “educação sexual” ou “gênero” de maneira explícita, ele valoriza princípios e competências diretamente ligados ao tema, como:

- **Autoconhecimento e autocuidado;**
- **Respeito às diferenças;**
- **Convivência ética e empática;**
- **Consciência corporal e emocional;**
- **Promoção da saúde física, mental e emocional.**

p. 11

Essas competências aparecem especialmente nas áreas de Ciências, Educação Física, Linguagens e nos campos de experiência da Educação Infantil.

Além disso, a BNCC incentiva o desenvolvimento de valores como solidariedade, justiça, responsabilidade e diálogo. E tudo isso está no coração da educação sexual.

6. Outros documentos que reforçam o tema

Além dos documentos nacionais, há planos estaduais e municipais de educação, além de programas como o **Programa Saúde na Escola (PSE)**, que incentivam ações educativas voltadas à saúde sexual e reprodutiva, desde as séries iniciais – sempre de forma adequada à idade das crianças.

Esses documentos ampliam ainda mais o respaldo para o trabalho com educação sexual, principalmente quando o foco está no cuidado com o corpo, na prevenção de abusos, no combate ao preconceito e na valorização da diversidade.

Você tem amparo, professor(a)!

Falar de sexualidade com as crianças **não é improviso e nem ideologia: é educação.**

É formar cidadãos mais conscientes, respeitosos e seguros.

É prevenir abusos, fortalecer vínculos, cuidar do outro e de si mesmo.

Você está amparado pelos principais documentos da educação brasileira.

E este e-book existe justamente para te ajudar a transformar esse amparo em prática pedagógica sensível, crítica e transformadora.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

3. Práticas Pedagógicas para a Educação Sexual na Escola

1º ano do Ensino Fundamental

No 1º ano, as crianças estão vivendo um grande marco: a transição da educação infantil para o ensino fundamental. Estão ampliando o repertório verbal, a autonomia e o convívio em grupo. Com isso, surgem também dúvidas mais elaboradas, brincadeiras mais complexas e interações que exigem diálogo, escuta e regras claras de convivência.

Esse é um ótimo momento para reforçar a ideia de que a escola é um espaço onde todos devem se sentir seguros, respeitados e acolhidos. A seguir, apresentamos cinco sequências didáticas para abordar a educação sexual de forma ética, sensível e pedagógica.

Sequência 1 – Meu corpo, meu espaço

Objetivo:

Reconhecer o corpo como espaço pessoal que deve ser respeitado por todos (BNCC - Respeito ao corpo e aos limites pessoais – Competência 8).

Como fazer:

Propor a construção de um “mapa do corpo” com as crianças, desenhando as partes do corpo humano e conversando sobre quais partes são privadas. Iniciar uma roda de conversa sobre quando e por que alguém pode tocar no corpo da criança (ex.: médico, com a presença do responsável; higiene pessoal etc.).

Atividade:

Cartaz coletivo com os dizeres:

"Ninguém pode tocar no meu corpo sem minha permissão."

"Se algo me deixa desconfortável, posso contar para um adulto de confiança."

Sequência 2 – Palavras certas, proteção certa

Objetivo:

Ensinar as crianças a nomear corretamente as partes íntimas, desenvolvendo linguagem de proteção (PCN - Nomear o corpo corretamente é parte da prevenção de abusos).

Como fazer:

Utilizar uma história fictícia ou bonecos para falar sobre corpo e higiene. Incluir os nomes anatômicos (pênis, vulva) de forma tranquila. Explicar que usar os nomes corretos é uma forma de proteger o corpo.

Dica:

Explique que, em casos de abuso, a criança saber nomear o que aconteceu pode ajudar os adultos a entender e proteger com mais agilidade.

Sequência 3 – O que eu sinto importa

Objetivo:

Incentivar o reconhecimento e o respeito aos próprios sentimentos e aos dos colegas (BNCC - Autoconhecimento e expressão de sentimentos).

Como fazer:

Roda de conversa com a pergunta: "O que você sente quando alguém te abraça sem pedir?"

Propor desenhos ou dramatizações com situações de empatia e incômodo. Falar sobre como dizer "não" com respeito e firmeza.

Complemento:

Trabalhar o conceito de **consentimento** com exemplos simples: "Posso sentar ao seu lado?", "Você quer dividir o brinquedo agora ou depois?"

Sequência 4 – Brincadeira boa é brincadeira segura

Objetivo:

Refletir sobre o que torna uma brincadeira respeitosa, segura e divertida para todos (PCN - Brincadeiras devem respeitar limites e promover segurança).

Como fazer:

Listar com as crianças tipos de brincadeiras que causam desconforto (tirar a roupa do outro, mostrar partes íntimas, apelidar o corpo) e discutir por que não são adequadas. Construir com a turma as “Regras das Boas Brincadeiras”.

Produto final:

Cartaz ilustrado pelas crianças com o título: **“Na nossa sala, a gente brinca com respeito.”**

Sequência 5 – Cada pessoa é única

Objetivo:

Valorizar a diversidade de corpos, gêneros, jeitos e sentimentos (DCNEB - Valorização da identidade e da singularidade).

Como fazer:

Apresentar histórias que tragam personagens com diferentes tipos de corpo, roupas, gostos e famílias. Propor que cada criança desenhe a si mesma e escreva (com ajuda, se necessário) algo de que gosta muito em si: “Gosto do meu cabelo”, “Gosto de ser brincalhão”, “Gosto de ser curioso”.

Dica de livro:

Corpo, corpinho, corpão (Mey Clerici (Autor, Ilustrador), Ivanke (Autor, Ilustrador), Nina Rizzi (Tradutor)) e *Sinto o que sinto: Um passeio pelos sentimentos* (Lázaro Ramos (Autor), Flávia Borges (Ilustrador)).

Essas atividades podem ser feitas em sequência ou de forma pontual, sempre partindo da escuta das crianças. O mais importante é criar um ambiente onde o corpo é valorizado, o limite é respeitado, e a convivência se dê com empatia e acolhimento.

p. 17

2º ano do Ensino Fundamental

No 2º ano, as crianças já são capazes de construir hipóteses, levantar perguntas mais complexas e discutir regras de convivência com mais clareza. É uma fase em que começam a aparecer as primeiras falas mais marcadas por crenças sociais: “menino não pode chorar”, “menina tem que usar rosa”, “isso é coisa de menina/menino”. Essas ideias são importantes para serem desconstruídas desde cedo.

A seguir, apresentamos cinco propostas que ajudam a avançar no trabalho com a educação sexual, respeitando o contexto das crianças e promovendo valores como respeito, escuta e autonomia.

Sequência 1 – Meninas e meninos podem tudo?

Objetivo:

Refletir sobre estereótipos de gênero e ampliar as possibilidades de identidade, brincadeira e convivência (DCNEB - Igualdade de gênero e desconstrução de estereótipos).

Como fazer:

Começar com perguntas provocadoras:

- Menino pode brincar de boneca?
- Menina pode jogar futebol?
- O que mais você gosta de fazer que dizem que “não é coisa do seu gênero”?

Ler histórias ou ver vídeos que abordem o tema e, em seguida, criar um painel com a frase: **“Cada um brinca do que quiser!”**, com desenhos e colagens das crianças.

p. 18

Sequência 2 – Eu gosto, mas posso?

Objetivo:

Ensinar que gostar de alguém, de brincar junto ou de estar perto é natural, mas que todas as relações precisam de respeito e consentimento (BNCC - Consentimento e respeito às emoções e ao corpo – Competência 9).

Como fazer:

Contar uma história ou inventar uma situação com dois personagens: um que quer abraçar e outro que não quer naquele momento. Depois, debater com as crianças:

- E se a pessoa diz “não”?
- O que a gente faz quando quer carinho e o outro não quer?
- Como a gente mostra carinho sem invadir o espaço do outro?

Atividade:

Dramatizações com bonecos ou em duplas, praticando pedidos de permissão e escuta das respostas.

p. 19

Sequência 3 – O que é segredo e o que deve ser contado?**Objetivo:**

Ajudar as crianças a diferenciar segredos bons (surpresas, brincadeiras) de segredos que devem ser compartilhados com adultos confiáveis (especialmente em casos de violência ou abuso) (BNCC - Consentimento e respeito às emoções e ao corpo – Competência 9).

Como fazer:**Apresentar situações fictícias:**

- “Seu amigo contou um segredo de aniversário surpresa.”
- “Alguém tocou no seu corpo e pediu para você não contar.”

Debater:

Qual segredo pode ser guardado? Qual precisa ser contado?

Dica:

Utilize a metáfora do “segredo que pesa” e do “segredo leve”. Incentive as crianças a confiar nos adultos cuidadores.

p. 20

Sequência 4 – Os nomes do meu corpo

Objetivo:

Refletir sobre os nomes dados às partes do corpo, por que, muitas vezes, são apelidados, e como isso pode ser perigoso (PCN - Prevenção de abusos e comunicação de situações de risco).

Como fazer:

Listar com as crianças os nomes que conhecem para partes do corpo. Conversar sobre os nomes corretos e os apelidos mais comuns. Explicar que as partes íntimas também devem ser nomeadas corretamente – e que isso é sinal de cuidado, não de vergonha.

Atividade:

Produção coletiva de um pequeno “dicionário do corpo”, com ilustrações simples e os nomes corretos.

p. 21

Sequência 5 – O que é ser respeitoso com o outro?

Objetivo:

Promover atitudes de respeito às diferenças e aos limites dos colegas (LDB - Art. 3º: Respeito à diversidade como princípio da educação).

Como fazer:

Propor a criação de um “código de convivência da turma”, com regras feitas pelas próprias crianças. Incluir frases como:

- “Escutamos quando alguém diz não.”
- “Ninguém mexe no corpo do outro sem pedir.”
- “Cada pessoa é única e merece respeito.”

Complemento:

Utilize situações reais que acontecem na turma para reforçar o código durante o semestre.

Essas propostas ajudam a criança a compreender que o corpo, o afeto e os sentimentos são parte de quem ela é – e que devem ser respeitados, tanto em si quanto nos outros. A sexualidade, nessa fase, deve ser tratada com verdade, respeito e muito diálogo.

p. 22

3º ano do Ensino Fundamental

No 3º ano, as crianças estão mais curiosas, observadoras e questionadoras. É comum que tenham mais interesse em saber “como o corpo muda”, como nascem os bebês, por que meninos e meninas são diferentes e o que sentem quando gostam de alguém. Além disso, começam a compreender, com mais profundidade, temas como consentimento, limites e respeito mútuo.

O papel do(a) professor(a) é criar um ambiente seguro, em que essas perguntas possam aparecer sem julgamento e no qual o conhecimento seja construído com base no cuidado e na valorização da diversidade.

Sequência 1 – O corpo muda: e tudo bem!

Objetivo:

Introduzir a ideia de que o corpo humano passa por transformações ao longo da vida – e que essas mudanças fazem parte do crescimento (BNCC - Entendimento do crescimento e da puberdade – Ciências).

Como fazer:

Mostrar imagens ou esquemas (sempre respeitando o contexto escolar) de bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos. Conversar sobre as mudanças físicas naturais (crescimento, dentes, cabelo, corpo, altura etc.).

Dica:

Roda de conversa: “O que já mudou no seu corpo desde que você era bebê?”

Evite abordagens centradas apenas em meninos e meninas. Fale sobre transformações como parte da vida de todos.

p. 23

Sequência 2 – De onde vêm os bebês?

Objetivo:

Abordar, de forma simples e respeitosa, a questão da gestação, sem apelar para informações que fujam à compreensão infantil (BNCC - Corpo humano e reprodução na área de Ciências).

Como fazer:

Utilizar livros infantis que explicam o nascimento de forma lúdica e científica, como *De onde vêm os bebês?* (Andrew Andry). Focar na ideia de que os bebês se formam dentro do útero e nascem de diferentes formas (parto vaginal ou cesárea, adoção etc.).

Atividade:

Desenhar a “linha da vida”: bebê → criança → adolescente → adulto → idoso. Conversar sobre o ciclo da vida humana.

p. 24

Sequência 3 – Gosto de você, mas... posso te abraçar?

Objetivo:

Trabalhar a importância do consentimento e da escuta afetiva nas relações de amizade e carinho (BNCC - Consentimento e empatia – Competências 8 e 9).

Como fazer:

Leitura de uma história que envolva dois personagens com diferentes formas de demonstrar afeto (um mais “abraçador” e outro mais reservado). Conversar sobre como cada pessoa tem seu jeito e como isso deve ser respeitado.

Atividade complementar:

Jogo do semáforo:

 Toques que podemos aceitar (abraço com permissão, beijo da vovó, carinho no cabelo);

 Toques que devemos evitar ou contar a um adulto (toques sem permissão, partes íntimas, empurrões).

Sequência 4 – Corpo é corpo: o que é verdade, o que é mito?

Objetivo:

Desconstruir crenças erradas sobre o corpo, promovendo conhecimento baseado na ciência e na valorização da diversidade corporal (PCN - Desconstrução de mitos sobre o corpo).

Como fazer:

Montar um “Jogo do Verdadeiro ou Falso” com frases como:

- “Menino não chora.”
- “Só meninas podem usar rosa.”
- “Cada corpo cresce no seu tempo.”
- “Toda menina menstrua com a mesma idade.”
- “O pênis e a vulva são partes do corpo como qualquer outra.”

Debate:

Conversar sobre as frases, explicando, com linguagem acessível, o que é mito e o que é fato.

Sequência 5 – Se algo me incomodar, posso contar

Objetivo:

Reforçar a ideia de proteção contra violências e o direito das crianças de serem ouvidas e cuidadas (LDB - Art. 35: desenvolvimento da autonomia moral e ética).

Como fazer:

Apresentar a ideia da “rede de confiança”: quem são as pessoas que você pode procurar quando algo estiver errado? Criar um mural coletivo com os nomes ou desenhos dessas pessoas (família, professor(a), cuidador(a), vizinho(a) etc.).

Complemento:

Ler histórias como *Não me toca, seu boboca!* (Andrea Viviana Taubman) e promover uma dramatização de como pedir ajuda.

Essas sequências ajudam as crianças a compreenderem que o corpo muda, que os sentimentos importam e que o cuidado com os outros e consigo mesmo é uma atitude diária. Trabalhar esses temas com leveza, firmeza e escuta é parte essencial de uma educação sexual, ética e transformadora.

4º ano do Ensino Fundamental

No 4º ano, as crianças estão mais conscientes de si, dos colegas e das regras sociais. É comum que se interessem mais profundamente pelas mudanças corporais que começam a acontecer com elas ou com seus irmãos e colegas. Também vivenciam mais diretamente situações de comparação de corpos, bullying, piadas e desinformação.

Esse é um excelente momento para ampliar o diálogo, fortalecer vínculos, desfazer preconceitos e dar nome aos sentimentos e às experiências. A seguir, cinco sequências didáticas para trabalhar com essa turma:

Sequência 1 – O que está mudando em mim?

Objetivo:

Falar sobre o início das mudanças da puberdade, de forma respeitosa, tranquila e científica (BNCC - Conhecimento sobre puberdade – Ciências).

Como fazer:

Abrir uma roda de conversa com a pergunta: “O que você acha que começa a mudar quando vamos crescendo?”. Acolher as falas espontâneas e, a partir delas, apresentar informações básicas sobre puberdade: crescimento de pelos, desenvolvimento dos seios, menstruação, ejaculação, espinhas, voz, odores etc.

Atividade complementar:

Criação de um “livrinho das mudanças” com desenhos e frases simples sobre o corpo em transformação.

Importante:

Sempre enfatizar: cada corpo tem seu tempo, não existe um jeito certo de crescer.

Sequência 2 – Vamos falar sobre menstruação?

Objetivo:

Desmistificar a menstruação como algo “sujo” ou “vergonhoso”, apresentando-a como parte natural do corpo (BNCC - Educação sobre o corpo e mudanças – Ciências).

Como fazer:

Levar absorventes, calcinhas absorventes e mostrar, com cuidado, como são usados. Falar sobre cólicas, higiene, mudanças de humor e também sobre o que se sente ao menstruar pela primeira vez. Incluir os meninos na conversa.

Dica:

Evite fazer turmas separadas. A menstruação é um assunto de todos – e meninos precisam aprender a respeitar e acolher, não debochar.

p. 29

Sequência 3 – Piada ou preconceito?

Objetivo:

Trabalhar o respeito à diversidade de corpos, gêneros e expressões, promovendo empatia e escuta (DCNEB - Combate ao preconceito e promoção do respeito).

Como fazer:

Discutir com as crianças: “O que é uma piada?” e “Quando uma piada machuca?”. Utilizar histórias ou situações comuns em sala para refletir: apelidos, imitações de colegas, comentários sobre o corpo alheio etc.

Atividade:

Jogo de situações com as perguntas:

- Isso é engraçado ou desrespeitoso?
- Como eu me sentiria se fosse comigo?

Mensagem:

Humor sem respeito é agressão disfarçada.

Sequência 4 – O que é abuso? Como se proteger?

Objetivo:

Ensinar, de forma segura e ética, o que é violência sexual e como as crianças podem buscar ajuda (PCN - Prevenção de violências e proteção infantil).

Como fazer:

Utilizar a metáfora das “partes do corpo cobertas por roupa íntima” como áreas que ninguém pode tocar sem necessidade. Reforçar que:

- O corpo é só dela/dele.
- Qualquer toque que incomode deve ser contado.
- Não é culpa da criança.
- Sempre há adultos de confiança para ajudar.

Atividade:

Montar a “mão da confiança” com o nome de 5 pessoas com quem a criança pode conversar se algo estranho acontecer.

Sequência 5 – Corpos são diferentes, e isso é lindo

Objetivo:

Valorizar a diversidade corporal e combater padrões de beleza que geram sofrimento (DCNEB - Valorização da diversidade corporal e estética).

Como fazer:

Mostrar imagens de pessoas com diferentes tons de pele, pesos, alturas, tipos de cabelo, corpos com deficiência etc. Promover a reflexão: “Por que algumas pessoas são tratadas de forma diferente por causa da aparência?”

Atividade artística:

Cada criança desenha seu autorretrato com a frase:

“Eu gosto do meu corpo porque...”

Essas propostas fortalecem nas crianças o sentimento de pertencimento e o respeito às suas próprias vivências e aos dos colegas. A escola precisa ser o espaço onde elas aprendem que seus corpos são dignos, que seus sentimentos importam e que ninguém tem o direito de invadir seus limites.

5º ano do Ensino Fundamental

No 5º ano, as crianças começam a lidar com transformações intensas – no corpo, nos sentimentos, na forma de se relacionar. É uma etapa em que dúvidas sobre sexo, menstruação, masturbação, orientação sexual e gravidez começam a aparecer com mais força, muitas vezes misturadas a informações equivocadas, vindas da internet, dos colegas ou da TV.

O papel da escola não é antecipar conteúdos nem invadir espaços de intimidade, mas **oferecer informação de qualidade, segurança afetiva e caminhos éticos para o cuidado de si e do outro**. A seguir, cinco sequências para esse momento desafiador e potente.

Sequência 1 – Puberdade: o que está acontecendo comigo?

Objetivo:

Explicar o que é a puberdade, suas principais mudanças e como lidar com elas de forma natural (BNCC - Mudanças do corpo e autocuidado – Ciências).

Como fazer:

Roda de conversa sobre as mudanças que as crianças já estão percebendo: seios, espinhas, pelos, menstruação, crescimento, mudanças de humor etc. Usar recursos visuais e materiais de apoio confiáveis.

Atividade:

Criar um “guia do corpo em mudança”, com linguagem simples e ilustrações feitas pelas próprias crianças.

Importante:

Evitar discursos de vergonha ou medo. O corpo que muda é sinal de vida, saúde e crescimento.

Sequência 2 – Curiosidades sobre sexo: posso perguntar?

Objetivo:

Abrir um espaço ético para escuta e resposta de dúvidas reais, sempre com cuidado e respeito à faixa etária (LDB - Formação crítica e ética do educando – Art. 35).

Como fazer:

Caixa de perguntas anônimas: as crianças escrevem dúvidas que têm (sem se identificar). O(a) professor(a) seleciona algumas para responder com linguagem acessível e científica. Podem ser incluídas questões como: “O que é transar?”, “Por onde sai o bebê?”, “Menino pode gostar de menino?”

Dica:

Não ridicularize nenhuma pergunta. Diga sempre: “Essa é uma dúvida importante. Vamos conversar com respeito.”

p. 34

Sequência 3 – O que é estar apaixonado(a)?

Objetivo:

Trabalhar o tema da afetividade, das emoções e do respeito às escolhas do outro (BNCC - Educação emocional e afetiva – Competência 9).

Como fazer:

Conversar sobre o que significa gostar de alguém, como lidar com sentimentos de rejeição, como respeitar quando o outro não sente o mesmo. Falar sobre ciúmes, bullying afetivo, forçar beijo e espalhar fofoca.

Atividade:

Construir um “dicionário dos sentimentos”: cada criança define, com suas palavras, o que entende por amizade, carinho, respeito, paixão.

p. 35

Sequência 4 – Redes sociais, vídeos e o que não é da nossa idade

Objetivo:

Alertar sobre os perigos do consumo precoce de conteúdos sexualizados e de fake news sobre sexualidade (DNCEB - Uso ético da informação e proteção digital).

Como fazer:

Debater com os alunos: “Você já ouviu algo na internet sobre sexo que te deixou confuso(a) ou com vergonha?”

Falar sobre pornografia, desafios perigosos, vídeos falsos, cyberbullying e exposição.

Reforço:

- Nem tudo que está na internet é verdade.
- Nosso corpo não deve ser exposto.
- Quando tiver dúvida, procure um adulto de confiança.

p. 36

Sequência 5 – Quando dizer não é proteger a si mesmo(a)**Objetivo:**

Ensinar as crianças a reconhecer situações de abuso e desenvolver estratégias de proteção e denúncia (PCN - Educação para prevenção de abusos).

Como fazer:

Simular situações (sem exposição ou medo) e perguntar: “E se alguém toca você sem permissão?”, “E se te pedem para guardar um segredo estranho?”, “E se alguém manda fotos inadequadas?”

Atividade:

Criar um plano de segurança:

- Quem são meus adultos de confiança?
- Onde posso pedir ajuda?
- O que posso fazer se me sentir em perigo?

Dica:

Traga a Lei nº 13.431/2017 como base: a criança tem o direito de ser ouvida e protegida.

Esse ciclo fecha a proposta com um chamado claro: educação sexual é cuidado, proteção, respeito e construção de vínculos saudáveis. Ao longo desses ciclos, é possível ver que não se trata de ensinar sexo, mas de ensinar a viver com o corpo, com os sentimentos e com o outro de forma ética, segura e amorosa.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

Considerações Finais

Este e-book nasceu da escuta, da prática e da vivência. Foi construído com base nas experiências do mestrado em Ensino na Educação Básica - PPGEEB/CEPAE/UFG, nas conversas com professores(as), nas dúvidas das crianças e no compromisso com uma escola que acolhe, respeita e cuida.

Acreditamos que a educação sexual, longe de ser um tabu ou algo impróprio, tem o objetivo de proteger, informar e formar. Ela começa no cotidiano: na roda de conversa, na troca de olhares, na escuta atenta, no respeito aos corpos e aos sentimentos.

As sequências didáticas aqui apresentadas não são receitas prontas. São sugestões abertas, que podem (e devem!) ser adaptadas à realidade de cada turma, comunidade e educador(a). O importante é não se calar diante das perguntas, dos conflitos e dos silêncios. É transformar o medo em diálogo, o imprevisto em formação, a dúvida em oportunidade pedagógica.

Nosso convite é para que cada professora, cada professor, cada licenciando(a) sinta-se seguro para iniciar essa conversa em sala. Com afeto, com coragem, com ética. E que possamos, juntos, construir uma escola onde toda criança saiba: “meu corpo tem valor, minha palavra tem força, minha vida merece cuidado”.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência. Brasília, DF: Presidência da República, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC, 1997.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Summus, 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2. ed. atual. São Paulo: Summus, 2010.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: saberes essenciais para quem educa. São Paulo: Summus, 2018.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. São Paulo: Summus, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 7. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PIVETTI, Carla; MILANI, Felipe. **Pipo e Fifi**: prevenindo a violência sexual infantil. São Paulo: Instituto Cores, 2012.

TAUBMAN, Andrea Viviana. **Não me toca, seu boboca!** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

¹ As produções dos alunos foram transcritas para facilitar a leitura. Os textos passaram por revisão ortográfica, respeitando a autoria e o estilo de cada estudante.